

JAMES THOMPSON

ANJOS NA NEVE

Tradução de Mário Dias Correia

2

Saio para o escuro e o frio queima-me a cara. Inspiro fundo para aclarar as ideias, sinto os pelos do nariz congelarem, olho para o relógio. Duas e cinquenta e dois. Ligo para o Esko Laine, o médico-legista da província, digo-lhe que houve um assassinio e que vá ter comigo à cena do crime. Estava a preparar-se para entrar na sauna e, pela voz, parece um pouco bêbedo e nada satisfeito.

O carro patina no gelo quando saio do parque de estacionamento do Hullu Poro. Acendo um cigarro e abro uma fresta da janela, apesar dos quarenta graus negativos. Nicotina e frio são uma boa combinação para pensar.

A Finlândia tem uma população de apenas cinco milhões e meio de habitantes, mas há imensos crimes violentos. *Per capita*, a nossa taxa de assassinios é mais ou menos igual à das grandes cidades americanas. Porém, na sua esmagadora maioria, estes crimes têm lugar num circuito familiar. Matamos aqueles que amamos, os nossos maridos e mulheres, irmãos e irmãs, parentes e amigos, quase sempre em acessos de fúria provocados pelo álcool.

Este caso é diferente. Num país tão sensível a quaisquer insinuações de racismo, o assassinio de uma figura pública de cor vai explodir nos cabeçalhos de todos os meios de comunicação nacionais. Se a atriz Sufia Elmi foi assassinada, tenho um grande problema entre mãos.

Nós, os Finlandeses, somos muito sensíveis no que toca às relações inter-raciais porque, regra geral, somos racistas não assumidos. Como

certa vez expliquei à Kate, não é o género de racismo ostensivo, à americana, a que ela está habituada, mas um racismo discreto, silencioso. A preterição de estrangeiros nas promoções, uma desconsideração e um desdém generalizados. Comparo-o com a política. Os Americanos falam muito sobre política, mas a percentagem de votos é baixa. Os Finlandeses raramente falam de política, mas cerca de 80 por cento votam nas presidenciais. Não falamos sobre ódio, odiamos em silêncio. É a nossa maneira. Fazemos tudo em silêncio.

Já ouvi piadas a respeito da Sufia, alguns labregos locais a beberem cerveja e a falarem do que fariam com a boazana da atriz preta se a apanhassem a jeito, mas nunca nada de ameaçador. Se tiver sorte, o assassino da Sufia foi um turista e não vai haver implicações culturais. Espero que seja um alemão. Os Alemães são um pequeno ódio que herdei dos meus avós, que os desprezavam por terem pegado fogo a metade da Lapónia finlandesa durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante a guerra, a minha avó encontrou o cadáver de um soldado alemão que tinha morrido de frio numa montanha e arrastou-o até à aldeia para o mostrar às amigas. Disse-me que tinha sido o dia mais feliz da sua vida. No meu trabalho, acho-os um incómodo de todo o tamanho. Os turistas alemães roubam tudo, talheres, saleiros e pimenteiros, papel higiénico.

Sei alguma coisa a respeito da Sufia através dos jornais. Os dotes físicos, tanto como os artísticos, granjearam-lhe uma pequena carreira como estrela de filmes de série B na indústria cinematográfica finlandesa, e estava a passar o inverno aqui em Levi. A primeira vez que a vi, dei por mim a fitá-la embasbacado. Ao princípio fiquei embaraçado, mas então descobri que ela provocava aquela reação em toda a gente, incluindo mulheres.

Usava um vestido de *cocktail* que não fazia grande coisa para esconder uns seios magníficos. A cintura era tão fina que eu poderia cingi-la com as mãos, e os sapatos de salto alto realçavam as esbeltas pernas de gazela. A pele negra era impecável e o rosto angélico possuía uma mistura de juventude, beleza e inocência. Tinha uns olhos cor de obsidiana e uma expressão de perpétuo divertimento que encantava toda a gente à sua volta.

A Sufia é, ou era, anómala, tão bonita que não parecia ser possível existir uma criatura assim. O que parecia um dom pode ter atraído o género errado de atenção e levado à sua morte. A primeira tendência de muitas pessoas neste mundo, quando confrontadas com a beleza, é destruí-la.

Saio da estrada e meto pelo caminho que leva à quinta de criação de renas do Aslak Haltta, estaciono ao lado do carro-patrolha do Valtteri e preparo-me para as horas que vou passar ao frio a recolher e analisar provas no local do crime. Tenho um uniforme de campo de inverno dobrado no banco de trás do meu *Saab*. O fato-macaco azul-escuro da polícia, forrado e pesado, deve manter-me suficientemente aquecido para fazer o meu trabalho. Enfio-o por cima dos *jeans*, da camisola de lã e da roupa interior térmica.

O bairro onde cresci começa do outro lado da estrada, a cerca de duzentos metros de distância. Vai ser preciso interrogar os habitantes. Aposto que os meus pais vão adorar comportar-se como se estivessem a ser acusados de assassinio.

Tudo o que vejo daqui é neve. O Valtteri deixou os faróis acesos para iluminar o local do crime, de modo que faço o mesmo. Os feixes de luz rasgam a escuridão e vejo o Valtteri vinte metros à minha frente, com o Jussi, o Antti e o Aslak. Deixo o conforto do carro aquecido e vou tirar da bagageira as duas caixas de material de pesca que converti em malas de recolha de vestígios.

O Valtteri avança na minha direção através da neve. Afunda-se a cada passo que dá e avança com dificuldade.

- Não vás já para lá – diz ao chegar ao caminho.
- É assim tão mau?
- É melhor preparares-te.

O Valtteri é um laestadiano devoto e, em minha opinião, super-obcecado pela sua versão estrita e revivalista do luteranismo, mas é um bom homem e um bom polícia. Se ter oito filhos e ir à igreja todos os domingos e quase todas as noites o faz sentir-se feliz, por mim tudo bem. Acendo uma lanterna e começo a dirigir-me ao local do crime.

O corpo nu parece incrustado na neve, cinco metros à minha frente. Tenho a certeza de que é a Sufia Elmi. Quando vejo o que lhe

fizeram, percebo o aviso do Valtteri. Posso dizer que já investiguei um bom número de assassinios, mas nunca vi uma coisa assim. Pouso as caixas e levo algum tempo a recuperar do choque.

A julgar pelas marcas na neve, o assassino estacionou e então arrastou a Sufia, ou obrigou-a a rastejar, para fora do carro. A neve tem cerca de noventa centímetros de profundidade e ela está enterrada quase meio metro. Consegui debater-se o suficiente para fazer a figura de um anjo na neve. O corpo negro está aninhado na neve branca manchada de vermelho. Há sítios onde os salpicos de sangue chegaram a dois metros de distância. O cadáver começa a arrefecer e uma capa de geada prateada cobre-lhe a pele e fá-la brilhar.

Um carro aproxima-se e calculo que seja Esko, o médico-legista. Os dois agentes que responderam à chamada estão aqui, a tiritar de frio apesar de, como eu, vestirem pesados uniformes de inverno, luvas grossas e barretes. Parecem-me inúteis e podem até contaminar o local do crime a mexerem-se de um lado para o outro daquela maneira, para se aquecerem. Digo ao Jussi que vá para o ponto onde o caminho entronca na estrada e procure indícios que o assassino possa ter deixado. Se houver algum, não terá dificuldade em descobri-lo à luz da lanterna, na neve intocada.

O Antti é o nosso melhor desenhador. Tiro um bloco de papel e um lápis de uma das caixas e digo-lhe que faça alguns esboços do local do crime. Não é tarefa fácil, com este frio. Vejo-o enfiar nas luvas pequenas bolsas para aquecer as mãos – a fim de impedir que os dedos fiquem rígidos – e começar a desenhar.

O Esko junta-se ao grupo e cumprimenta-me com um aceno de cabeça, sem dizer uma palavra. Peço-lhe que dê uma vista de olhos.

Tiro das caixas duas máquinas fotográficas, uma de película e a outra digital, dois *flashes* externos e um gravador. Aqui o inverno é uma noite sem fim, mas a neve reflete a mais pequena luz e pinta tudo de um cinzento sombrio. As velhas *Leicas* são resistentes e não usam pilhas, de modo que quase nunca falham devido a más condições climatéricas.

Fotografar na neve é complicado. Se usamos luzes ou *flashes* com um ângulo superior a quarenta e cinco graus, desaparece tudo no claro. Tem de ser feito com filtros polarizadores e luzes ao nível da neve. Entrego as câmaras ao Valtteri.

– Sabes o que tens de fazer, não sabes?

O Valtteri assente com a cabeça e começa a preparar a iluminação.

– Estava a pensar em ir amanhã caçar veados com os meus rapazes – diz. – Agora não me parece que tenha coragem.

Eu também não teria.

– Tira fotos com ambas as câmaras – digo. – Quero a neve o mais intacta possível, para que as provas não se enterrem nela, de modo que tenta pisar as tuas próprias pegadas.

Esfrego as mãos enluvadas, a tentar aquecê-las. É raro fazer tanto frio, e mesmo aqui, na parte mais baixa do Círculo Polar Ártico, provoca-nos uma estranha sensação, um sentimento de privação e ao mesmo tempo apuramento dos sentidos. As partes expostas do corpo começam por arder, depois doem, depois ficam entorpecidas. O tato e o olfato desaparecem. O frio enche-me os olhos de lágrimas, que congelam a meio do rosto. Tenho de semicerrar os olhos e é difícil ver. Nada se mexe, as aves não cantam.

Devia haver silêncio, mas o frio tem um som muito próprio. Os ramos das árvores congelam e estalam sob o peso da neve, fazendo um ruído que lembra tiros abafados. A neve fica tão dura que a superfície se contrai e adquire uma textura rugosa. Estala debaixo dos meus pés, mesmo quando penso que estou imóvel.

Estamos num campo cerca de trinta metros a leste da estrada principal. A vinte metros para norte há um celeiro e em frente dele um redil para as renas que estão doentes ou vão parir. O Aslak tem milhares de renas, que lhe proporcionam um belo rendimento. A casa, uma construção de tijolo, estilo rancho, que custou uma pipa de massa, fica uns cem metros para nordeste. As luzes de Natal piscam nas janelas distantes. Para sul e oeste, há apenas campos áridos e florestas geladas.

O ambiente é de isolamento, de desolação. Parece o lugar ideal para um assassinio. Imagino o assassino a sair da estrada principal, a desligar o motor e as luzes, a deixar o carro deslizar até parar um pouco mais à frente no caminho. O céu está encoberto, não há lua nem estrelas para iluminar a tarde escura. As casas mais próximas estão à distância de um campo de futebol numa direção, de dois campos de futebol na outra. O assassino teve privacidade e tempo. Se ouvisse barulho ou

visse luzes, tudo o que tinha de fazer era meter-se no carro e afastar-se antes de ser descoberto.

Enquanto fuma um cigarro enrolado à mão, o Aslak olha para a Sufia, apoiado ao cano de uma caçadeira. Afasto-o meia dúzia de metros do corpo e acendo também um cigarro.

– Viste alguma coisa?

– Muito pouco. Saí para dar de comer aos cães e vi uns faróis. Voltei a casa para ir buscar a espingarda – mostra-me uma *Mossberg* calibre doze – e vim até aqui ver o que se passava. Cheguei a tempo de ver um carro afastar-se. Foi então que a encontrei. Tinha o telemóvel comigo e liguei para a polícia.

– Que espécie de carro?

O Aslak mantém-se impávido. Conheço-o desde miúdo. É um pastor de renas *saame*, um finlandês nativo da Lapónia e um velho filho da mãe duro como uma pedra.

– Estava bastante longe. Um três volumes qualquer.

– Há quanto tempo foi isso?

Consulta o relógio.

– Cinquenta e dois minutos.

Olho para o Valtteri.

– Não bloqueaste a estrada?

– A única coisa em que consegui pensar foi ligar para ti.

– E eu perguntei-te se havia alguma coisa que exigisse atenção imediata.

Primeira asneirada. Se este caso dá para o torto, não é só o Valtteri que arca com as culpas, eu também, uma vez que sou o chefe. Vejo que está embaraçado e não insisto.

Pegamos nuns paus, espetamo-los na neve e isolamos com fita policial alguns metros de rastros de pneus e um espaço com dez metros quadrados à volta do corpo. Há pegadas num raio de quatro metros e meio entre os rastros dos pneus e o corpo. Isolamo-las também, para podermos mais tarde fazer moldes com cera em *Spray*.

Há pelo menos dois dias que o caminho não é limpo, de modo que acumulou alguns centímetros de neve. Nas condições certas, os rastros dos pneus são tão únicos e identificáveis como impressões digitais. Aqueles parecem suficientemente nítidos para se chegar ao fabricante e

ao modelo, mas talvez não a um conjunto específico de pneus. As pegadas estão demasiado enterradas na neve e não vão dar grande coisa, mas talvez consigamos um tamanho de sapato. O Esko espera que acabemos para iniciar o seu exame.

A Sufia já não é bonita. O que resta dela conta a história de uma morte dolorosa. A minha primeira tarefa é descrever este horror em pormenor. Faz-me sentir triste e deslocado, porque a única pessoa que poderia descrever com exatidão um tal abismo de sofrimento seria a própria Sufia. O Valtteri começa a tirar fotografias. Os *flashes* dispararam de poucos em poucos segundos e iluminam o sangue e a neve e a Sufia, e eu sinto-me como se vivesse numa velha fotografia a preto e branco, cheia de grão.

Ligo o gravador e o Esko pega num bloco de notas e numa caneta. Eu falo para o gravador enquanto ele vai fazendo anotações, pela mesma razão por que o Antti desenha enquanto o Valtteri fotografa: eliminar a possibilidade de se perder informação. Ajoelho-me na neve ao lado do corpo.

– Avisa-me se deixar escapar alguma coisa.

Ele acena com a cabeça. Percorro o corpo com o feixe de luz da lanterna e começo:

– Observações gerais. Um corpo feminino, nu. A vítima é africana. Tem um lenço – descalço a luva e estendo a mão para lhe tocar – de seda, ou qualquer material sintético semelhante, à volta do pescoço que, calculo, tenha sido usado como um meio para a controlar. A neve está revolvida numa linha com cinco metros entre os rastos de pneus e o local onde o corpo se encontra. Aparentemente, rastejou ou foi arrastada do veículo até à sua atual localização.

– Arrastada, acho eu – diz o Esko.

– A neve está intacta fora das proximidades imediatas do corpo e da linha de arrastamento. Os braços estão erguidos em ângulos de quarenta e cinco graus acima da cabeça. As pernas estão abertas e as marcas na neve indicam que se debateu enquanto o assassino a atacava. Indícios como outras armas ou as roupas dela seriam facilmente visíveis se estivessem presentes. Não estão. A vítima foi mutilada. O rosto foi desfigurado, mas reconheço-a. É a atriz Sufia Elmi. As palavras *neekeri huora*, puta preta, foram-lhe inscritas no ventre com um objeto cortante.

Confirmam-se os meus piores receios. É um crime de ódio. É difícil acreditar que alguém pudesse odiá-la a este ponto. A questão, apesar das palavras gravadas no ventre, é saber o que poderá ter inspirado este género de ódio. Foi a raça dela, a beleza dela, ou outra coisa qualquer?

– Uma garrafa de meio litro de *Lapin Kulta*, partida pelo gargalo, foi inserida brutalmente na vagina da vítima. Não são visíveis cacos de vidro da garrafa partida. A vítima foi agredida com um objeto rombo, que lhe deixou uma contusão na testa.

O Esko inclina-se a meu lado.

– Foi agredida duas vezes, provavelmente com um martelo de carpinteiro.

Concordo com um aceno de cabeça.

– Provavelmente com um martelo de carpinteiro. Os olhos foram vazados, talvez com a garrafa partida. Um pedaço de pele do seio direito, com cerca de sete e meio por dez centímetros, foi removido e colocado ao lado do corpo, junto ao ombro esquerdo. Há um corte comprido e profundo de um lado ao outro do baixo-ventre. A garganta foi cortada. O aspeto dos golpes sugere que o assassino usou uma arma branca, não a garrafa de cerveja, para infligir estes ferimentos.

– Deixou o pedaço de pele do peito – diz o Esko. – Não é um colecionador de troféus.

– Parecem terem sido usados pelo menos três instrumentos para mutilar a vítima, um rombo e pesado, como indicam as duas pancadas na testa, e dois aguçados, sendo um a garrafa de cerveja e o outro uma arma branca.

– Eu diria uma faca de caça com serrilha – diz o Esko.

– Deixei escapar alguma coisa? – pergunto.

– Acho que não.

Qualquer coisa brilha no feixe de luz da minha lanterna. Inclino-me para o corpo.

– O que é aquilo na cara dela?

– Onde?

Aponto para três pequenas manchas.

– Não sei – diz o Esko.

– Achas que ele lhe cuspiu na cara?

– Não parece suficientemente viscoso para ser saliva.

– Nem sequer se notava se ela fosse branca. E, mesmo assim, é difícil de ver. Recolhe uma amostra para análise. Mais alguma coisa?

O Esko abana a cabeça. Pega nas mãos dela, tendo o cuidado de não deslocar a neve alojada debaixo das unhas bem tratadas, examina-as e envolve-as em sacos de plástico. Recolhe amostras de sangue de vários pontos na neve à volta do corpo e uma amostra do líquido na cara.

– Sinto-me completamente perdido – diz –, nunca me apareceu nada que se parecesse com isto. O caso vai ser notícia em todo o mundo, e eu tenho medo de fazer asneira.

Compreendo-o perfeitamente. Há já muito tempo que não conduzo uma investigação criminal das difíceis. Ainda por cima, vem aí o Natal e quatro dos nossos oito agentes estão de férias. Nem sequer temos um turno da noite – revezamo-nos para ficar um de serviço durante a noite. Até o nosso telefonista está de férias. É a altura ideal para cometer um crime. Um habitante local teria consciência disso, e isto preocupa-me.

– Temos rastros de pneus – digo –, e o corpo há de revelar muita coisa. Vamos resolver esta história.

Ajoelhados na neve, olhamos um para o outro por um instante. Nenhum de nós sabe o que dizer. Do redil em frente do celeiro, uma rena prenha observa-nos com indiferença. O Aslak não está muito longe, a enrolar um cigarro. Queria que esta trampa não tivesse acontecido. Queria estar em casa com a Kate, pousar a mão na barriga dela e imaginar o nosso filho a crescer lá dentro. Olho para o outro lado do campo coberto de neve. A casa do Aslak é uma sombra à distância. Eu e a Kate conhecemo-nos no pátio das traseiras daquela casa, há ano e meio.

Os *saame*, Lapões, são vítimas de preconceito aqui na Finlândia, como os esquimós no Alasca. Todos os verões, no dia 24 de julho, o Aslak dá uma grande festa, convida amigos, vizinhos e os membros mais proeminentes da comunidade. Talvez seja uma maneira de provar a si mesmo e a toda a gente o muito que conseguiu apesar de todas as probabilidades estarem contra ele. Talvez seja a sua maneira de dizer: «Vão-se lixar, sou um *saame* e sou mais rico do que vocês.» E tem a sua própria tradição para aquele dia: assar uma rena inteira no espeto, como as outras pessoas assam um javali. Nunca vi mais ninguém fazer aquilo.

Eu e a Kate conhecemo-nos na festa do Aslak. Estava a fazer-se tarde, mas esta é a terra do sol da meia-noite, e no verão, especialmente

depois de uns copos, é fácil perder a noção do tempo, por ser sempre dia. Parece o fim da tarde durante toda a noite. Ouvi uma voz falar inglês e vi que pertencia a uma ruiva alta que se encontrava do outro lado do relvado. Era a mulher mais bonita que alguma vez tinha visto. Estava no meio de um grupo, a falar com uma rapariga chamada Liisa, diretora-adjunta do Levi Center. Eu e a Liisa tínhamos saído juntos umas duas vezes, uns tempos antes, mas a coisa nunca dera em nada. Aproximei-me. Estavam as duas bêbedas e divertidas.

– Kari, apresento-te a Kate Hodges – disse a Liisa. – Veio à Finlândia fazer uma entrevista para ser a nova diretora-geral do Levi Center. Kate, apresento-te o Kari Vaara. É o chefe da polícia daqui. O nome dele significa Rocha Perigosa.

A Kate desatou a rir.

– Rocha Perigosa, como um nome num mau filme?

Nunca tinha pensado naquilo. A ideia fez-me rir também.

– Poderia significar isso. Kari significa rocha, cicatriz, baixio ou recife, Vaara significa colina, perigo, risco ou cilada. Por isso o meu nome podia ser Colina Recife ou Cilada Cicatriz. De qualquer dos modos, soa mal em inglês. Juro que soa melhor em finlandês.

– Fala muito bem inglês – comentou a Kate.

– O Kari é um rapaz muito esperto – disse a Liisa. – Também fala sueco e russo.

– O meu russo não é grande coisa – admiti eu, modesto.

– Estava a explicar à Kate o significado deste dia – disse a Liisa.

– Expliquei-lhe que o 24 de julho assinala o solstício de verão e é também o feriado nacional finlandês, e que temos a tradição de ir à sauna e acender uma grande fogueira à meia-noite. Queres acrescentar mais alguma coisa?

– O solstício de verão é o dia mais comprido do ano e uma festa pagã da luz – disse eu. – Foi cristianizada e transformada na celebração do nascimento de São João Batista. É por isso que nós, os Finlandeses, lhe chamamos *Juhannus*. Para os pagãos, era uma noite poderosamente mágica, sobretudo para as raparigas que procuravam homens ou queriam ter filhos, ou as duas coisas. O acender da fogueira está relacionado com crenças sobre a fertilidade, a limpeza da alma e a expulsão dos espíritos malignos.

– Rocha Perigosa – disse a Kate –, parece ser um homem instruído. Sorri.

– Sou uma fonte de informações inúteis.

A Kate puxou a Liisa um pouco à parte e puseram-se as duas a cochichar. Eu deixei-me ficar no meio do grupo de pessoas mais ou menos ébrias que comiam rena assada e salada de batata em pratos de papel, enquanto observava a Kate e pensava em como era bonita. Ela e a Liisa acabaram o conciliábulo e voltaram a aproximar-se.

– Essa coisa pagã – disse a Kate – significa que as mulheres podem convidar os homens no dia do solstício?

– Sem dúvida – respondi.

O álcool dera coragem à Kate e, durante a conversa à parte, a Liisa tinha tentado ensiná-la a dizer uma frase em finlandês.

– *Komea mies* – disse ela –, *lähtisitkö ulos ja pane minua syömään?*

A pronúncia era estranha, mas o que disse foi perfeitamente claro. As pessoas à nossa volta desataram a rir. Senti-me corar. Ela tinha querido dizer «Homem bonito, gostaria de ir jantar comigo esta noite?», mas o que saiu foi qualquer coisa no género: «Homem bonito, gostaria de ir foder comigo para o jantar?»

Também a Kate corara terrivelmente.

– O que foi que eu disse? – perguntou.

A Liisa murmurou-lho ao ouvido.

A Kate pestanejou, como se fosse chorar. Afastou-se das pessoas que continuavam a rir.

Fui atrás dela. Voltou-se e olhou para mim, humilhada.

– Gostaria muito de levá-la a jantar – disse eu.

Então ela viu a graça da situação e conseguiu esboçar um sorriso.

– Vão acender a fogueira daqui a pouco – continuei. – Quer ir ver comigo?

– Seria agradável – disse ela.

Deu-me a mão, o que me surpreendeu. Começámos a andar.

– Coxeia – notou ela. – Porquê?

– Deram-me um tiro. E a Kate, porque é que coxeia?

– Caí.

Ficámos a ver a fogueira de mãos dadas, em silêncio. Depois disso, perguntei à Kate se gostaria de ir a minha casa beber um copo.

– Onde mora? – perguntou ela.

– A cerca de uma *poronkusema* daqui.

– A que distância é isso?

– Uma *poronkusema* é uma medida de distância da Lapónia e significa «uma mijadela de rena». As renas não conseguem urinar quando estão a puxar um trenó e ficam com as vias urinárias entupidas se não as deixamos parar de vez em quando para mijar. Uma *poronkusema* são cerca de dezasseis quilómetros, à volta de trinta minutos de trenó.

– É realmente uma fonte de informação inútil – disse ela.

Fomos para minha casa. Seis semanas mais tarde estávamos noivos. Nove meses mais tarde estávamos casados.

É difícil acreditar que este lugar, um sítio que me trouxe tanta felicidade, tenha agora sido o palco de uma tal tragédia. Olho para o corpo mutilado da Sufia.

– Esko...

– Sim?

Preciso de fazer a pergunta, mas tenho medo de ouvir a resposta.

– Até quando achas que ela esteve consciente?

– No estado em que está, é impossível saber antes da autópsia. Tenho estado a fazer a mim mesmo essa pergunta. Mesmo assim, podia ter sido pior.

– Como?

Ele põe-se de pé e sacode a neve das calças.

– Podia ter sobrevivido.

Olho para a Sufia, o anjo de neve. O rosto dela muda e imagino a Kate nua e trucidada, morta num campo coberto de neve. O sentimento de pena que senti há pouco volta com renovada força e, pela primeira vez na minha vida, lamento que a Finlândia não tenha a pena de morte.